

MÍDIA FERIDA

Um dos problemas que identificamos na relação da mídia com o tema da violência diz respeito a um tratamento que dispensa a investigação, preferindo, sistematicamente, o uso das fontes oficiais, especialmente das policiais, como substitutas de todas as fontes. A já apelidada notícia policial consagra à fala de delegados e de policiais militares a dimensão de expressão suficiente para a construção da notícia. Esse modelo tem comprometido a compreensão do drama da violência em nosso País.

Um outro aspecto que identificamos como problemático está relacionado com o uso da violência como fonte de espetacularização. Este emprego coloca o drama social como recurso para a confecção de produtos midiáticos que são colocados no mercado com a finalidade de atrair audiência a baixo custo.

A mídia tem um importante papel a ser desempenhado a favor da luta contra a violência. É ela a única instância que dispõe de estrutura capaz de atingir grande número de pessoas ao mesmo tempo. Trata-se de um mecanismo que colabora para a construção de sentido de realidade, através da oferta de temas e dos tratamentos dispensados aos mesmos. O que é mostrado pela mídia dá sentido aos espaços da realidade não atingíveis fisicamente pelos sujeitos, e estes passam a tomar o produto midiático como uma das referências fundamentais para a sua atuação no espaço social. No que se refere à violência, esse papel revela-se crucial.

Se Tim Lopes tivesse sido vítima das formas de violência que já se tornaram habituais como por exemplo, sequestro, assalto, bala perdida é claro que indignação seria grande, a perda seria irreparável e a dor de seus familiares, amigos e colegas seria enorme e mais uma vez seria constatado que a política de controle a prevenção das violências não é compatível com as demandas concretas. Mas ele foi morto por uma decisão política do tráfico que anuncia uma nova abordagem contra quem usa o poder para mostrar as faces obscuras desse universo. Além da indignação, da dor, da perplexidade, a morte de Tim Lopes lança um novo desafio à ordem institucional. Se a liberdade do cidadão já se encontra comprometida diante da insegurança gerada pela a violência, agora a liberdade de imprensa está atingida. Trata-se de duas liberdades consagradas na Constituição Federal do País.

Um dos ingredientes do mundo da violência é o segredo e o complementar medo de falar. A força da violência também pode ser medida pela sua capacidade de fazer calar. Nesse ponto a mídia, através do jornalismo investigativo, tem conseguido vazar o cerco e dar voz às falas do medo. Essa parte da mídia tem usado equipamentos cada vez mais sofisticados para “escutar” os lugares velados pelas leis do silêncio. São falas distorcidas, rostos cobertos, lugares sem identificação.

A maioria das falas ali focalizados são desprovidas de capital simbólico capaz de impor-se às pautas midiáticas. São saberes que têm contra si o medo e a falta de reconhecimento por parte de todas as esferas de poder consagradas. Saberes que, na maioria das vezes, têm a inutilidade como destino. São segredos que aguardam a vez de esclarecer mistérios, de apontar dimensões insuspeitas para a melhor compreensão da realidade. A química entre esses saberes e o jornalismo investigativo é o que existe de mais saudável e promissor na relação entre a mídia e a violência.

Diante de tudo isso podemos identificar a gravidade que encerra a morte do jornalista Tim Lopes. Ele foi morto porque o tráfico quis barrar um canal amplificador de falas que estão submetidas à lei do silêncio. É a lógica da caçada ao peixe grande agora aplicada pelo tráfico. O recado quer atingir as pautas de todos os jornais e exige comedimento e silêncio. É o tráfico disputando espaço de poder nos meios de comunicação de massa, querendo propor regras de relacionamento com a mídia.